

OPINATIVOS E DE REVISÃO**PRAZER! TODA MULHER TEM DIREITO**Vanessa Nascimento Machado¹

PLEASURE! EVERY WOMAN HAS THE RIGHT

Resumo: A sexualidade é construída e marcada pela história, cultura, ciência, afetos e sentimentos, expressando-se com singularidade em cada sujeito. Impulsionada pela sexualidade como objeto de estudo e minha experiência profissional como enfermeira e como especialista em educação sexual, desejei transformar a experiência da consulta de enfermagem em uma fala que tem por objetivo demonstrar as possibilidades e dificuldades da enfermagem no campo da sexualidade. Além disso, proponho uma reflexão sobre a vivência das mulheres heterossexuais nas práticas e representações sobre a sexualidade e a busca do prazer como seu por direito, tendo como problema a influência dos discursos sobre a sexualidade, pautada na moral e natureza, influenciando no fortalecimento da submissão feminina e hegemonia masculina, logo, nas questões de gênero. A pesquisa se baseia na escuta ativa e no método PLISSIT, e ainda, na minha percepção enquanto pesquisadora e mulher, de forma a poder construir uma discussão de modo situado. Nos resultados, é sugerida uma (re) discussão sexual como qualidade de vida e prática de empoderamento para as mulheres, ao constatar como os discursos hegemônicos, naturalizantes e universais, com foco no objeto da sexualidade, produz efeitos negativos no gênero e as impacta socioculturalmente, sobretudo no que tange à submissão feminina e à saúde, uma vez que vai ao desencontro de seu bem-estar.

Palavras-chave: enfermagem; gênero; sexualidade; submissão.

Abstract: According to studies, sexuality is constructed and marked by history, culture, science, affections and feelings, expressing itself with singularity in each subject. Driven by sexuality, more specifically female sexuality, as object of study and having my professional experience (as a nurse and still acting as a specialist in sex education) as a motivating factor, by observing through dialogues, the impacts of sexuality in the experience of women who passed the nursing consultation with me, I wanted to transform this experience into a speech that aims to demonstrate the possibilities and difficulties of nursing in the field of sexuality and to reflect on the experience of heterosexual women in the practices and representations about sexuality and the pursuit of pleasure as his by right, having as a problem the influence of discourses on sexuality, based on morality and nature, influencing the strengthening of female submission and male hegemony, thus, on gender issues. As a method I bring the active listening and the PLISSIT method in the sexualities office, as well as my perception as a researcher and a woman, in order to construct a discussion in a situated way. In the results, we suggest a sexual (re) discussion as a quality of life and practice of empowerment for women, noting that as hegemonic, naturalizing and universal discourses focusing on the object of sexuality, it produces negative effects on gender and impacts socioculturally, refers to female submission and health, since it goes from disregard for their well-being.

Keywords: nursing; genre; sexuality; submission

¹ Enfermeira, Mestre em Crítica Cultural, Título de Especialista em Educação Sexual pela SBRASH, docente na Universidade Estácio Campus Resende. E-mail: machado.vanessa@yahoo.com.br

Início de tudo – a formação em enfermagem e atuação profissional

Com base em minha graduação em Enfermagem (1995-1999), cuja grade curricular não oferecia conteúdo sobre estudos em “sexualidade humana”, apesar de preconizar o olhar holístico do enfermeiro (a) para o paciente, a busca para aprofundar o conhecimento sobre sexualidades se deu através de cursos de extensão e projetos de pesquisa em educação sexual, os quais incentivaram a busca de mais cursos de aperfeiçoamento em sexualidade humana.

Ao atuar como enfermeira inserida em uma equipe de Estratégia de Saúde da Família em que há a realização de práticas educativas para populações de grupos de riscos variados e utilizando a realização da consulta de enfermagem (em conformidade com a – Sistematização da Assistência de Enfermagem – SAE) e adquirindo o domínio de sua prática, descobri poder efetuar educação sexual embasada pelo código de ética da categoria.

Ciente de que o profissional de enfermagem pode atuar na promoção, prevenção, recuperação e reabilitação da saúde, com autonomia e em consonância com os preceitos éticos e legais, inclinei-me de forma crescente à escuta profissional de pacientes na área da sexualidade, em consultório privado – encaminhados por profissionais de diferentes formações, com suas complexidades interpessoais, familiares, coletivas, socioculturais, políticas, educativas, tão merecedoras de atenção, estudo e assistência por profissional com formação holística.

Conforme nosso conselho de classe, o enfermeiro faz a abordagem integral do ser humano. A área de Enfermagem compreende um componente próprio de conhecimentos científicos e técnicos, construído e reproduzido por um conjunto de práticas sociais, éticas e políticas que se processa pelo ensino, pela pesquisa e pela assistência. Essa área se realiza na prestação de serviços à pessoa, família e coletividade, considerando seu contexto e suas circunstâncias de vida (COREN, 2012, p. 30).

Consultando o Ministério da Educação e Cultura (MEC), o Conselho Federal de Medicina, o Conselho Federal de Enfermagem, a Sociedade Brasileira de Estudos em Sexualidade Humana (SBRASH) – entre outras instituições

responsáveis por regulamentações no campo da sexualidade humana –, é possível realizar que cada uma tem seu posicionamento sobre a atuação profissional na área da sexualidade. Para o Ministério da Saúde, “todos os profissionais da equipe de saúde deveriam estar capacitados para realizar o aconselhamento sexual” (SANTOS, 2016, p. 52).

Para autores como Russo et al. (2011), que discutem a profissão sexólogo, declaram que a profissão não é regulamentada, sendo um campo de atuação multidisciplinar dentro do qual a atuação depende da área de formação profissional. Já Santos (2016) considera que:

[...] a sexologia é um tema multi e interdisciplinar, não existem restrições para a formação inicial de profissionais das diversas áreas de atuação, embora a maioria seja composta de psicólogos, médicos ou pedagogos. A sexualidade humana pode ser campo para atuação de diferentes profissionais, desde que eles busquem qualificação para melhor discuti-la. (p. 53)

O Conselho Federal de Enfermagem reconhece a sexologia humana como especialidade da enfermagem, através da Resolução Cofen No 290/2004, porém, as determinações de competência e área de atuação têm sido estabelecidas pelos conselhos profissionais e pela SBRASH, que diferencia a qualificação dos peritos nestas matérias de ordem sexual através da titulação de Especialista em Sexualidade Humana (TESH), concedida a profissionais com notório saber, mestrado, doutorado ou livre docência em sexualidade humana, reconhecidos pelo Ministério da Educação ou via concurso.

As dificuldades do caminho

Como relatado anteriormente, essa experiência estava associada de forma geral à prática das consultas de enfermagem na atenção básica ao realizar atendimento em saúde da mulher até ganhar espaço para o atendimento em ambiente privado (clínicas particulares), onde a demanda era espontânea e solicitada por grupos variados com diferentes angústias.

A anamnese realizada com os pacientes revela-se capaz de considerar o nível cultural

da pessoa, variações de escolaridade, nível socioeconômico, engajamento profissional e social, se fazem usos de dispositivos e mídias eletrônicas, religião, origem, e outros pontos de forma a identificar, holisticamente, as barreiras históricas que as impedem de experimentar uma vida sexual satisfatória e saudável, além de demonstrar se há necessidade de acompanhamento multidisciplinar.

Através da anamnese também é possível notar que as queixas dos pacientes, em muitas situações, estão relacionadas à falta de conhecimento dos assuntos pertinentes à sexualidade e às vezes a desconhecimentos sobre o próprio corpo e o corpo do outro, chegando a estar relacionadas a mitos e estigmas sobre sexo e que, apesar de nos encontrarmos no século XXI, esses saberes interessantes para eles não são buscados adequadamente ou não são transmitidos (ou se transmite com preconceitos, mitos e tabus); muitos ainda não sabem onde buscar tais informações.

Encontros e desencontros, diferenças e desigualdades: percebo como é grande o descompasso das pessoas sobre a vivência do exercício de suas sexualidades, pelas dúvidas que elas apresentam, o que me leva a indagações sobre em que momento de sua vida e com quem – ou através de quem – estas pessoas conversam, discutem, aprendem sobre sexualidade; como se dá este conhecimento no senso comum. Assim, novas condições sociais e culturais permitem que se coloquem novas questões.

A primeira dificuldade encontrada neste percurso, é a procura pelo enfoque biológico/farmacológico, que é evidente sobretudo na fala dos clientes e muitos(as) não retornam ao consultório ao saberem que não serão medicalizados(as). Levados a processos reflexivos do conhecimento e da construção sociocultural, é possível desconstruir o essentialismo existente, confrontando perspectivas teóricas e entendendo formas diferentes de intervenção.

O aconselhamento em sexualidade pode ocorrer por profissionais de formação multidisciplinar e por aqueles que tenham aprimorado habilidades para aconselhar, partindo do princípio que aconselhamento não é terapia. (MOZAMBIQUE, 2003). A base para a consulta de enfermagem em sexualidade foi o modelo PILSET (PLISSIT), que utiliza como técnica de abordagem quatro elementos: permissão,

informação limitada, sugestão específica e terapia sexual, que favorecem o diálogo entre profissional e paciente.

Outras grandes dificuldades foram observadas na opressão da relação de gênero, assunto considerado unânime independente de classe e educação, e na submissão sexual, vivenciada pelas mulheres heterossexuais. Elas se anulam sexualmente em virtude de uma relação sexual monogâmica, duradoura e dentro dos padrões tidos como “apropriado”.

Muitas mulheres em seu cotidiano não se submetem aos mandos e desmandos do companheiro, têm voz ativa, são gestoras de sua vida profissional, do domicílio, dos filhos e até mesmo são chefes de família, no sentido do domínio da renda familiar, logo, têm vida própria e independência. Quando se trata de vida sexual, no entanto, com algumas exceções, essas mulheres, são submissas ao sexo, submetidas às imposições de gênero no sexo, ao comando do homem, sujeitas ao desejo sexual do companheiro, não se realizando sexualmente, não sentido prazer e não sendo senhora do próprio gozo.

A visão do ato sexual e a opressão de gênero

Em uma noite assistindo ao programa “Altas Horas” no quadro em que a plateia faz perguntas para uma profissional na área de sexualidade humana, um rapaz pergunta para a sexóloga: “Se fizer mais preliminares, o prazer é maior?”.

Fiquei pensando sobre esta pergunta, sobre o que o rapaz considera como ato sexual: seria para ele apenas a penetração?

Associo esta visão sobre o ato sexual à opressão de gênero a qual sofrem as mulheres e que as tornam submissas ao sexismo, sendo submetidas a penetração como primeira ordem sexual, esquecendo ou ignorando sua satisfação. Em maioria, a relação sexual é realizada por compromisso e responsabilidade, não pelo desejo em si, cuja valorização não houve, pelo contrário, foi proibido durante a infância, adolescência e juventude por pais, religiões, culturas, sociedade que valoriza a experiência sexual masculina e condena a feminina e, atualmente, pelo acúmulo de papéis, levando ao desgaste físico, mental e muitas vezes à baixa autoestima.

Aliando meu conhecimento à experiência profissional em consultório de sexologia,

com a fundamentação teórica e considerando o conceito de patriarcado, é possível definir que houve progresso sociocultural entre as mulheres nas sociedades, porém, ao observar o cotidiano das mulheres, nota-se que, quando o assunto é sexo/sexualidade, ainda impera a moralidade comprometendo no progresso feminino de fato, haja vista a ordem sexual.

Compreendi, então, que a prática sexual é uma questão que implica na saúde das mulheres presas à moral, às imposições de gênero e às suas naturalizações, consequentemente implicando na igualdade de gênero, nos direitos igualitários entre os sexos, haja vista que o direito ao corpo é um direito (ainda) não adquirido, conforme pauta do feminismo denominado de segunda onda.

Sabe-se que a contemporaneidade é marcada pelas tradições culturais que se seguiram transformando alguns de seus aspectos, exceção para o exercício do sexo/sexualidade feminina, enraizado de pré-conceitos que perduram ainda hoje se comparado ao gênero oposto.

Para Santos (2016), as mulheres têm demonstrado preocupação com a temática da sexualidade. Organizam-se, discutem e provocam mudanças em sua prática. Para nós, o empoderamento de mulheres que pode ocorrer através da educação sexual é um processo da conquista da autonomia. Sardenberg (2006) considera que o empoderamento das mulheres implica na libertação das amarras da opressão de gênero, da opressão patriarcal, com objetivo de questionar, desestabilizar e, por fim, acabar com a ordem patriarcal que sustenta a opressão de gênero, para que a mulheres possam assumir o controle total sobre seu corpo e sua vida.

Conclusão

A sexualidade, segundo a OMS, pode ser definida como uma das bases da boa qualidade de vida, pois, além de estar presente em todas as fases da vida humana, ela abrange não somente o sexo, mas também o prazer, o erotismo, a autoestima e a reprodução. Além disso, proporciona o bem-estar emocional, social e físico. A manutenção boa da saúde sexual, portanto, influencia significativa e positivamente a qualidade de vida das mulheres (RIBEIRO, 2016, p. 39).

Incluir educação sobre sexo/sexualida-

des fundamentada na discursividade e interatividade, orientada para a formação de profissionais, pressupondo a construção de conhecimento em espaços de intersubjetividade, influencia positivamente na qualidade de vida, bem como na saúde das pessoas.

Nesse sentido, o empoderamento das mulheres a partir de uma discussão sexual em espaços de trocas de experiências e construção de subjetividades é um elemento que contribui para a conscientização sexual, a fim de reduzir a submissão feminina em relação ao sexo oposto, considerando o próprio corpo como seu e, para a sua melhor qualidade de vida e saúde. A realização de um trabalho voltado para essa linha de pensamento pode proporcionar às mulheres discernimento sobre a questão da promoção da saúde e do conhecimento sobre seus valores e suas crenças.

De acordo com Piscitelli (2001), várias correntes do pensamento feminista afirmam a existência da subordinação feminina e questionam sua naturalização sustentando que a subordinação é construída socialmente, e para elas, o que é construído pode ser desconstruído, assim “alterando as maneiras como as mulheres são percebidas seria possível mudar o espaço social por elas ocupado” (p. 2).

Referências

COREN-RS. *Legislação e código de ética: guia básico para o exercício profissional da enfermagem*. Disponível em: <http://www.portalcoren-rs.gov.br/docs/livro-codigo-etica.pdf>. Acesso em: 08 ago. 2016.

MOZAMBIQUE. Ministério da Educação. Instituto Nacional para o Desenvolvimento da Educação. Manual de formação de facilitadores, educação e aconselhamento em sexualidade, saúde e direitos reprodutivos de adolescentes e jovens.

FNUAP, Módulo III, 2003. Disponível em: <<http://hivhealthclearinghouse.unesco.org/library/documents/manual-de-formacao-de-facilitadores-educacao-e-aconselhamento-em-sexualidade-saude>>. Acesso em: 8 mar. 2018.

PISCITELLI, A. *Recriando a Categoria Mulher*. Campinas, novembro 2001 (p.01-25). Disponível em: www.culturaegene

RIBEIRO, J. N.; VALLE, P. A. dos S. S. do. Disfunção sexual feminina: percepção e impacto na qualidade de vida. *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*, 2016, v. 27, n. 2, p. 33-40, 2016.

RUSSO, J. et al. *Sexualidade, ciência e profissão no Brasil*. Coleção Documentos, 8. Rio de Janeiro: CEPESC, 2011.

SANTOS, M. R. P. dos; VALLE, P. A. dos S. S. do. Serviço de aconselhamento sexual: um relato de experiência. *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*, v. 27, n. 2, p. 51-55, 2016.

SARDENBERG, C. M. B. *Conceituando "Empoderamento" na Perspectiva Feminista. Comunicação oral*. I Seminário Internacional: Trilhas do Empoderamento de Mulheres – Projeto TEMPO'. NEIM/UFBA. Salvador, 2006 Disponível em: <<http://www.repositorio.ufba.br:8080/ri/bitstream/ri/6848/1/Conceituan-do%20Empoderamento%20na%20Perspectiva%20Feminista.pdf>>. Acesso em: 8 mar. 2018.